

5º Seminário Discente – PPGS USP

GT6 – Cidades e urbanidades

**Apontamentos para uma história das práticas juvenis em lugares públicos do
centro paulistano**

Danilo Mendes Piaia

Julho/2019

Segundo parte da bibliografia especializada (ABRAMO, 1994; FRÚGOLI JR., 1995; GOMES DA SILVA, 2011), pelo menos desde a década de 1980 a cidade de São Paulo assistiu ao surgimento, na cena pública, de grupos juvenis cujas práticas estiveram, ao menos em parte, associadas ao centro da cidade. As pesquisas realizadas nas décadas seguintes tratam principalmente dos punks, dos dançarinos de break, dos rappers, dos skatistas e dos pixadores. Como os interesses que orientaram essas investigações estiveram, em geral, mais voltados à questão identitária, à produção cultural e às práticas desses grupos, a relação de suas práticas com o espaço da rua do centro não foi tratada analiticamente. Nas descrições contidas nesses trabalhos não foram mais que residuais as referências aos lugares e momentos em que se davam essas práticas.

Para entender um pouco melhor como esses grupos juvenis se relacionaram com o espaço do centro da cidade, suas ruas e praças, dos anos 1980 até a década atual, é necessário cotejar as referências trazidas por esses especialistas com aquelas fornecidas por outros atores sociais que falam sobre a cidade e suas personagens. Nos acervos digitais de dois dos principais jornais da cidade, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, foi possível encontrar 59 matérias jornalísticas – entre notícias, reportagens, notas e editoriais – que trazem referências a práticas de grupos juvenis em determinados lugares do centro.

As buscas nesses acervos partiram das pistas disponíveis nessa literatura, combinando termos que se referem aos grupos juvenis com termos que designam logradouros. Com o termo “punks” foram combinados os lugares “São Bento” e “24 de Maio”; com “break”, “hip-hop” e “rap” foram combinados “24 de Maio”, “Dom José de Barros” e “São Bento”; com “skatistas” foram usados os termos “Vale do Anhangabaú”, “Praça Roosevelt” e “Santa Ifigênia”; e com “pichadores” foram combinados “Largo da Memória”, “Ladeira da Memória” e “Dom José de Barros”.

Seguindo a ordem cronológica das referências temporais a essas práticas e lugares que aparecem nas matérias, apresento a quais práticas e a quais lugares do centro esses grupos juvenis foram associados ao longo das últimas quatro décadas nas páginas da *Folha de S. Paulo* e d’*O Estado de S. Paulo* e seus suplementos. Busco sintetizar, década a década, essas referências e associações para, ao final, sugerir alguns padrões a partir da recorrência de alguns elementos.

Os anos 1980: break, rap e punk

Ainda que alguns estudiosos do movimento hip-hop costumem datar no início dos anos 1980 o surgimento das manifestações que o integram (GOMES DA SILVA, 2011, pp. 72-73; MACEDO, 2016, p. 25), na matéria de Janaína Rocha (2000, p. 5) a referência temporal é alargada desde a década anterior: “nos anos 70 e 80, o ponto de encontro da cultura de rua hip-hop era a Rua São Bento e a 24 de Maio”. É também do final dos anos 1970 a data mais antiga em relação aos punks na cidade, mencionada, anos mais tarde, em meio a uma lista de “incidentes” que teriam marcado apresentações de bandas desse estilo: “3 de junho de 1979 - Os punks brasileiros começaram a frequentar os noticiários após um show no Largo São Bento. Um grupo de 14 punks foi atacado por uma gangue rival” (MAGALHÃES, 1991, p. 11).

Ainda que publicadas posteriormente, é para a década de 1970 que apontam, portanto, as referências mais antigas sobre esses grupos juvenis em lugares centrais de São Paulo, os punks, os breakers e os rappers. Na sequência, veremos que são eles que vão dominar as páginas dos jornais voltadas a esse tema ao longo da década de 1980, relacionados sobretudo a dois lugares dessa região: as imediações da rua 24 de Maio e das Grandes Galerias, e as imediações da estação São Bento.

O espaço das Grandes Galerias e suas imediações, nas proximidades da rua 24 de Maio, seria lembrado numa “reportagem de capa” da década seguinte como “local de encontro de advogados e escriturários na década de 70” que teria passado “a ponto de briga de gangs punks, no início dos 80” (ROSSETTI, 1992, p. 4). Também referindo-se aos punks no início dessa década, outro jornalista (AMARANTE, 1986, p. 12) rememoraria: “Há alguns anos, para encontrá-los bastava ir à galeria da 24 de Maio, no final da tarde e aos sábados (...) ou então caminhar pela estação São Bento e papear com eles nas escadarias do metrô”. Um outro, em 1991, ao lembrar os “dez anos de barulho punk no Brasil”, descreveria o cenário frequentado por essas personagens no início dos anos 1980 da seguinte maneira:

A maioria das pessoas que usava moicano na época agora tem cabelos compridos. E o set lotado de figurantes do Largo São Bento e Grandes Galerias, zonas de guerra e de pacifistas, cobertas por distribuidores de fanzines metidos em jaquetas de couro barato rasgadas, gangues rivais vestindo objetos pontiagudos e mortais, punketes belas demais para playboys, só será remontado no dia em que a ficção quiser saber da história (PLASSE, 1991, p. 10).

Em matéria sobre as lojas de discos das Grandes Galerias, nas quais, no final da década, pela “manhã de sábado” haveria “o charme de presenciar reuniões semanais de ‘tribos’ adolescentes de todos os tipos, de blacks a skinheads”, outro jornalista relata que

“[j]á em 1982, o local era ponto de encontro de punks, que se reuniam na loja Punk Rock” (FORASTIERI, 1989, p. 5). Ao mesmo tempo, as imediações da estação São Bento se mantinham como um local de encontro de grupos associados aos punks. É o que permite inferir uma coluna publicada na mesma década, na qual o narrador afirma ter conhecido “num dia qualquer de 1982” uma pessoa que identifica como “um careca do subúrbio, a gang punk mais temível da periferia”. No momento do encontro, segundo o texto, a pessoa distribuía “socos e pontapés para todos os lados, na estação São Bento do metrô, durante um show de rock” (EMODIATO, 1986, p. 2).

Mais tarde, em uma seção intitulada “Memória”, seria lembrado um evento de break ocorrido em 1984 que teria reunido “mil pessoas” na praça da Sé “para ver shows da dança”. Os grupos inscritos no festival teriam, segundo a reportagem, “a mesma origem: a 24 de Maio, perto da Mesbla e outros grandes magazines”, lugar onde “assistiam vídeos de seus ídolos, trocavam informações, dançavam e sabiam das novidades sobre o movimento” (VENTURA, 1995, p. 2).

Uma outra jornalista, ao abordar o surgimento do rap em São Paulo, conta que sua origem “está nos anos 70, nos guetos do Bronx e Harlem, em Nova York”, mas que “ganhou adeptos no Brasil na década seguinte [1980] e começou a ser divulgado na rua 24 de Maio, na região central de São Paulo” (BANHARA, 1993, p. 4). Mesmo local, portanto, que outros jornalistas atribuem ao surgimento do break na cidade.

Na matéria intitulada “Dançarinos de break mantêm o movimento” (CASTILHO, 1995, p. 12), o rapper entrevistado conta que também “requebrou-se” desde a “explosão” do movimento na cidade “no início dos anos 80”. Segundo a reportagem, “[o] palco daquela época é o mesmo de agora [1995], no vão próximo do Largo de São Bento”. Local classificado, nos termos de outro entrevistado, como “o único ponto de encontro” do movimento, cujos “encontros” teriam continuado a acontecer no mesmo dia: “todos os sábados, a partir das 13 horas”.

O período entre 1983 e 1984 pode ser apontado, conforme um conjunto de matérias, como o momento em que tanto a São Bento quanto a rua 24 de Maio constituíam lugares de encontro entre praticantes de break e de rap. Em uma delas, dedicada às “gangues que incendeiam as periferias”, fala-se em “bandas de hip hop da estação São Bento do metrô” e MC Jack, um dos protagonistas do movimento na época¹, então com 20 anos, relata que “alguns vêm a São Bento como ponto de breakers, outros como ponto

¹ Conferir o documentário *Nos tempos da São Bento*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=z8FtIypGeVs&t>>. Acesso em 27 jun. 2019.

de vagabundos”. Na sequência, a reportagem assevera: “[s]eria muito difícil explicar por que é que vagabundos frequentam o mesmo lugar desde 1983 e ainda o transformam na fábrica das primeiras produções de rap nacional” (FUCUTA, 1989, p. 1).

Ao anunciar um evento de hip-hop cuja “apoteose” seria no largo São Bento, outro jornalista descreve o local como o “[m]arco zero e ponto histórico do nascimento da cultura hip hop em São Paulo” alegando que ali teriam acontecido as “primeiras manifestações de músicos como Thaíde e dançarinos de rua como Nelson Triunfo” O lugar teria se mantido como o “foco central” da cultura hip-hop “por mais de uma década, a partir de 83” (SANCHES, 2002, p. 1). Um terceiro, escrevendo em 1994, argumenta que o break teria surgido “há dez anos, com os primeiros breakers rodopiando de cabeça na rua São Bento, no centro de São Paulo” (VALE, 1994, p. 6).

A chamada de capa para uma matéria sobre os dançarinos de rua do centro, publicada em 1984, descreve o cenário: “O talco deixa o piso do calçadão do centro da cidade liso como uma verdadeira pista de dança” onde, ao som do toca-fitas, “os rapazes evoluem (...) sob os aplausos da plateia”. Segundo a reportagem, a cena “é assistida diariamente por centenas de pessoas no calçadão da 24 de Maio ou da Marconi” o que seria, “[p]ara os pedestres, um momento de diversão na agitação da cidade” (FSP, 1984, p. 1). No texto da matéria o local e os momentos da manifestação são precisados: “Há um mês, o show acontece no calçadão (...) da esquina das ruas Dom José de Barros e 24 de Maio” podendo também ser transferido “para a rua Marconi, pertinho da 7 de Abril, sempre gratuito, nos horários das 12 às 14 horas, ou no fim da tarde, entre às 16 e 18 horas” (FSP, 1984, p. 17). Uma outra jornalista escreve, em 1984, sobre um dançarino que dá aulas de break no mesmo lugar: “Espetáculo à parte no Centro, no momento, é o grupo do Vadão, que dança na esquina das ruas 24 de Maio e Dom José de Barros”, prática que atraía “alguns office boys que passam por ali” (MONTEIRO DE BARROS, 1984, p. [42]). Trata-se da primeira menção, nesse contexto, a uma categoria profissional que também será relacionada, nos jornais, a outros grupos juvenis.

Nesse mesmo ano, segundo uma matéria, as imediações das Grandes Galerias eram associadas aos grupos punks: “Foi a partir de 84, com o crescimento do movimento punk, que a galeria virou meca roqueira em São Paulo” momento em que “estava em alta o movimento punk nativo e era muito comum as notícias de brigas entre carecas, punks e headbangers” (R.A., 1995, p. 5). Outra, porém, publicada naquela época, relata que os grupos punks “a cada fechamento de um ponto de encontro logo descobrem outros”, revelando que “quase num só golpe, eles perderam espaço numa galeria da rua 24 de

Maio, onde se agrupavam em torno da Punk Rock, loja de discos”, estabelecimento que então havia se transferido para um lugar “na Augusta”. Na imagem que acompanha a matéria se vê garotas diante do letreiro que sinaliza a entrada da estação São Bento, descritas pela legenda como “[p]unks, roqueiras feministas” (AMARANTE, 1984, p. 16).

Outra matéria refere-se ao ano de 1985 como o “tempo em que o DJ Hum levava o toca-discos para a Estação São Bento e a moçada ficava dançando break”. Os entrevistados Thaíde e DJ Hum, figuras proeminentes do movimento à época, associam o mesmo local à sua “descoberta” do “hip hop, o break, grafite e, por consequência, o rap” (GASPERIN, 1996, p. 6). Em matéria mais recente sobre livro que aborda a trajetória do rap nacional, um dos “momentos de destaque” mencionados diz respeito a esse mesmo ano e lugar: “Estação São Bento: Em 1985, a estação de metrô vira ponto de encontro de b-boys [praticantes do break] e rappers. Por sete anos, o local foi polo do hip-hop paulistano frequentado por nomes como Thaíde e Racionais MC’s” (BOLDRINI, 2015, p. 3). Outra matéria destaca, mais uma vez, o mesmo local: “em 1986, São Paulo fervia com o surgimento da cultura hip-hop, cujo berço foi a estação São Bento do metrô” (MOREIRA, 2015, p. 3).

Em 1987 uma jornalista relata que uma nova “‘tribo’ urbana, composta por adolescentes da periferia”, à qual se refere usando o termo “função”, também faria “ponto nas galerias e arredores da rua 24 de Maio (centro), no horário de almoço”. Segundo a reportagem, o grupo seria composto de “office-boys” e “vendedores” dentre os quais “alguns usam drogas, principalmente maconha, que revendem ‘batizada’ (misturada com estrume e chuchu) para os ‘patos e burgueses’” (BARROS, 1987, p. 11).

No ano seguinte, 1988, uma matéria menciona “a horda de ‘tagarelas’”, termo usado para se referir aos cantores de rap, que então fazia “seus pontos”, dentre outras localidades da cidade, “nas imediações da Estação São Bento do Metrô” (MEDEIROS, 1988, p. 8). Ainda nesse ano, em outra matéria (TOGNOLLI, 1988, p. 1), são mencionados vários grupos juvenis então em atividade. Um punk entrevistado relata que “os punks estão isolados, precisam de um ponto de encontro, pois são office-boys que vão contra todas as regras”. Segundo o texto do jornalista, o grupo a que ele se refere como “hip-hops”, naquele momento, encontrava-se “aos sábados na estação São Bento do metrô, no centro, onde dançam ao som dos rádios portáteis”. Já a imagem que acompanha a matéria traz a seguinte legenda: “Uma gangue de skinheads ou carecas, trabalhadores na periferia de São Paulo, reúne-se no fim-de-semana em uma das galerias comerciais do centro”. No final do ano, uma nota sobre um show da banda Titãs trazia

algumas opiniões musicais de “um grupo de punks reunidos no largo de São Bento” (R.S., 1988, p. 3).

No ano seguinte, por ocasião de uma matéria sobre o “Dia do Mensageiro, ou do ‘office-boy’” (FSP, 1989, p. [3]), publicada no suplemento *Viva da Folha de S. Paulo*, menciona-se um “lugar que acabou se tornando um ‘point’ dos office-boys que trabalham no centro de São Paulo - a esquina das ruas 24 de Maio e Dom José de Barros”. Ali, segundo a reportagem, que ressalta a “pouca idade” desses trabalhadores, “todos os dias, entre 12h e 13h, eles se encontram para conversar e olhar as ‘girls’”, o que acontece “em clima de festa”. O cruzamento seria o local de reunião de um “lúmpen-criativo”, onde “nasceram movimentos como o punk, ativo na categoria até o início da década”, mas que naquele momento seria “mais recatado e muitas vezes trocado pelas gangues de hip-hop”.

No mesmo ano, em matéria intitulada “Direto de Nova York para a estação São Bento do metrô” (FUCUTA, 1989, p. 1), menciona-se o “encontro nas tardes de sábado na estação São Bento do Metrô, onde se concentram as bandas de hip hop da cidade” e a “visita semanal” às “lojas de discos nas Grandes Galerias, na rua 24 de Maio”, ocasiões que seriam como “canais de informação” do movimento. A legenda da foto que acompanha a matéria menciona outras figuras que frequentariam o local: “Tardes de sábado, São Bento, São Paulo: encontro de breakers (...) entre mendigos e ‘vagabundos’”.

Completam o quadro dos anos 1980 três matérias publicadas no suplemento *Revista São Paulo*, da *Folha de S. Paulo*, sobre os skatistas. Um entrevistado, falando sobre seus “picos” preferidos na cidade, isto é, lugares propícios para a prática do skate, classifica a praça Roosevelt como “um lugar bem clássico” onde “desde os anos 80 se anda bastante de skate por lá” (KÜCHLER, 2010, p. 16). Em outra matéria, por ocasião de conflitos com moradores do entorno do local, um skatista argumenta: “Desde os anos 80 a gente anda de skate na Roosevelt” (MIRANDA, 2012, pp. 20-21). Por último, num *box* que traz a cronologia da prática na cidade, consta que é nos “anos 80” que “a praça Roosevelt torna-se ponto de encontro para praticantes” (FSP, 2013, p. 35).

A relação dos skatistas com a praça Roosevelt, apontada nos jornais, também é destacada pelo estudo de Giancarlo Machado (2011, pp. 119-124), que no entanto também argumenta que integrantes desse grupo, desde os anos 1980, também se reuniam na estação São Bento e no viaduto Santa Ifigênia, o que ainda não havia aparecido nesses jornais.

Já os punks, que os jornais relacionam às imediações das galerias da rua 24 de Maio e às proximidades da estação São Bento, também são associados a esses locais pelo estudo de Aldemir Teixeira (2007, pp. 71-72). O autor aponta ainda que a loja Punk Rock Discos teria se tornado “o ponto de encontro definitivo dos punks do centro”, no início dos anos 1980, em virtude dos conflitos entre grupos punks rivais que aconteciam na São Bento durante a realização de eventos musicais pela prefeitura, que se intensificaram levando à intervenção policial. Essa relação do movimento com o largo São Bento é retratada no documentário *Punks* (1983)², e a mudança do ponto de encontro principal para a loja também é mencionada no documentário *Botinada* (2006)³. Já o estudo de Helena Abramo (1994, pp. 106-107), realizado no final da década, aponta não só o “Largo São Bento” mas também a praça da Sé, como “pontos de encontro” onde o grupo se reuniria “atrás de diversão”.

Os dançarinos de break são associados pelos jornais à rua 24 de Maio e seu cruzamento com a Dom José de Barros, no chamado “calçadão”, assim como às proximidades da estação São Bento. A associação desse grupo com esses locais também aparece no documentário *Nos tempos da São Bento* (2010)⁴, assim como em produções acadêmicas. O estudo de Gomes da Silva (2011, pp. 73-74) aponta a relação do grupo com o primeiro local até meados dos anos 1980 e argumenta que, gradualmente, eles teriam passado a se encontrar no último em virtude de conflitos com lojistas que reclamavam sua saída do “calçadão”. Márcio Macedo, em seu estudo sobre o hip-hop na cidade, também menciona que as apresentações dos dançarinos de break tomaram “como local fixo a esquina das ruas Dom José de Barros e 24 de Maio”, lugar que era “um ponto de encontro já bastante conhecido de jovens negros frequentadores de bailes desde aquela época” (MACEDO, 2016, pp. 27-28). Segundo esse autor, por volta de 1985 é que essas performances teriam sido deslocadas para o espaço da estação São Bento, onde “passaram a dividir o espaço com jovens *punks* já frequentadores do local”. Isso, segundo Macedo, por conta de “conflitos constantes entre *b-boys*, comerciantes e polícia” em virtude das performances nas ruas atraírem muitas pessoas, inclusive “batedores de carteira, trombadinhas”, o que dificultaria o trabalho dos comerciantes. Nesse período, a São Bento teria se tornado então “um local onde *b-boys*, MCs, DJs e grafiteiros de todas as

² Cf. 23:00. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ba7jKBM0tIw>>. Acesso em 11 jul. 2019.

³ Cf. 31:53 e 32:58. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=trIAXkc003k&list=WL>>. Acesso em 11 jul. 2019.

⁴ Cf. 15:15, 16:43 e 22:40. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=z8FtIypGeVs>>. Acesso em 11 jul. 2019.

partes da cidade se dirigiam no sentido de se socializar, praticar sua arte e trocar algo bastante escasso à época: informação” (MACEDO, 2016, pp. 28-29).

Os jovens envolvidos com o rap, nos jornais, são em parte associados aos mesmos locais que os do break, mas principalmente à São Bento. Essa relação também figura no estudo de Heitor Frúgoli Jr. (1995, pp. 63-67), quando menciona o grupo relacionado ao hip-hop, e no de Marília Sposito (1993, p. 173), que ainda cita “uma galeria de lojas” como outro ponto de atração dos rappers.

Na segunda metade dos anos 1980, pelo que consta nesses jornais, os arredores da 24 de Maio são associados de maneira mais direta a certos trabalhadores do centro, como os office-boys. Essas figuras, que congregariam o que um jornalista chamou de “lúmpen-criativo” (FSP, 1989, p. [3]) ao qual estaria associado o surgimento dos punks e do hip-hop, também povoam algumas das descrições de integrantes desses grupos dadas em outras matérias. Ao estudar o centro paulistano no final da década, Frúgoli Jr. também destaca a presença dos office-boys, descritos como a “ocupação mais dinâmica e significativa entre os jovens de camadas populares” (FRÚGOLI JR., 1995, p. 68-69), porém sem associá-los a algum lugar específico do centro.

Os anos 1990: skatistas

No início da década de 1990, em matéria sobre um festival de rap que aconteceria naquele ano (JOE, 1990, p. 3), segundo o coordenador do evento, os grupos que participariam eram “originários de várias regiões de São Paulo e se reúnem aos sábados na Praça Roosevelt, no Centro de São Paulo”. Contudo, essa matéria sobre os rappers seria uma exceção naquela década, na qual predominaram referências aos skatistas.

Em matéria sobre competição da prática que aconteceria em 2008 (BRITO; CARQUEIJO, 2008, p. 3), a praça Roosevelt é mencionada como o “berço de renomados skatistas da cidade” e que teria vivido “seu auge como point no início da década passada”, no caso, os anos 1990. Em 1991, um pedestre usuário da praça reclamaria da prática no local, onde alegava se manter “sempre atento às manobras dos skatistas”, os quais classifica como “jovens que crescem no Centro” que, segundo legenda da imagem que ilustra a matéria, estariam travando uma “disputa para praticar o esporte” (MAGALHÃES, 1991, p. 26).

Em 1994, uma matéria trazia a seguinte chamada: “O Centro de São Paulo, nos finais de semana, se transforma no point dos adeptos do street skate” (BROITMAN, 1994,

p. 6). Apesar do título da reportagem dar a entender que as manobras eram realizadas “entre mendigos e camelôs”, o texto argumenta que no “sábado, por volta das 16 horas, os donos do pedaço” são os “skaters”, que fazem suas “manobras radicais no Viaduto Santa Ifigênia, Largo São Bento, Vale do Anhangabaú e Praça Roosevelt”. Um *box* da matéria chama a atenção para o fato de que a polícia, por ordem da Regional da Prefeitura, “ordenou” que os praticantes procurassem outros lugares e parassem de andar de skate no Largo São Bento e no Viaduto Santa Ifigênia, descrito como “um dos locais favoritos dos skatistas”. Ainda no mesmo ano, uma matéria sobre a prática do skate durante a noite na cidade mencionava, em um *box*, além da praça Roosevelt, “o viaduto Santa Ifigênia e as ruas do Centro” como os principais “‘picos’ noturnos” dos skatistas (FSP, 1994, p. 4).

Mais tarde, no ano 2000, o jornal *O Estado de S. Paulo* realizaria uma série de reportagens sobre os encontros de pixadores na Ladeira da Memória e sua expulsão pela polícia. Em uma delas (FOLGATO, 2000, p. 4), um dos frequentadores entrevistados, que segundo a reportagem seria “office-boy”, é descrito pela reportagem como “visivelmente chateado por perder o ponto que frequenta desde os 12 anos (agora tem 18)”, o que permite inferir que pelo menos desde 1994 o local era palco de encontros desse grupo.

Ao longo daquela década os skatistas voltariam a ocupar as páginas dos jornais, que indicariam a praça Roosevelt como um dos “points eleitos pela tribo”, ou o “palco preferido dos skatistas para experimentação” no qual começavam a se reunir “no fim das tardes de sexta-feira” (ALBANESE, 1995, p. 4; CASTILHO, 1995, p. 12). Mesmo assim um skatista entrevistado considerava o local já não “tão bom quanto foi há tempos atrás” por conta da presença de “uma moçada meio marginal” (ALBANESE, 1995, p. 4), e logo uma reportagem relataria que a praça estava “sendo usada por pedestres, mendigos e consumidores de droga”, o que não impedia que “alguns skatistas” frequentassem o local (CARELLI, 1997, p. 4).

Por fim, em 1999 uma coluna no suplemento *Revista da Folha* menciona “os milhares de office-boys que frequentam a Galeria 24 de Maio, no centro” e “os B-Boys do hip-hop que se encontram na praça da Sé” (ANDERSON, 1999, p. 47).

No início dos anos 1990, portanto, os rappers estariam usando a praça Roosevelt como ponto de encontro, o que é coerente com a observação de Gomes da Silva (2011, pp. 77-81) de que no fim dos anos 1980, “o segmento mais identificado com o rap” teria optado “pelo espaço da Praça Roosevelt”, enquanto aquele mais identificado com a dança

break “permaneceu na Estação São Bento”⁵. Segundo Macedo (2016, pp. 30-33), teria sido em 1988 que parte desses atores associados ao hip-hop, no caso, os rappers (MCs e DJs), buscando autonomia em relação aos *b-boys* e grafiteiros, deixaram de frequentar a estação e “passaram a se reunir na Praça Roosevelt”. Na sequência, por volta de 1991 é que o espaço da praça teria vindo a perder centralidade na produção do rap na cidade, quando esses atores passariam a se reunir em localidades mais periféricas.

Conforme os jornais, a praça Roosevelt continuaria sendo usada também pelos skatistas ao longo de toda a década. Mas não apenas por skatistas: segundo essas matérias a praça também era usada por pedestres, onde já se sugere o conflito que voltaria a render mais linhas anos mais tarde, após a reforma da praça. Ao mesmo tempo, em meados da década os skatistas também teriam se reunido para a prática nos arredores da estação São Bento e viaduto Santa Ifigênia – todos esses locais também mencionados no estudo de Machado (2011, pp. 119-124) –, sendo então, conforme as matérias citadas, expulsos por ordem da prefeitura. É ainda no início dos anos 1990, para o autor, que eles teriam passado a se concentrar no Vale do Anhangabaú tanto para a prática da modalidade quanto “por ser um espaço significativo de sociabilidade, onde os skatistas se reconhecem como tais”, encontrando-se com “streeiteiros de diferentes localidades” (MACHADO, 2011, pp. 119-124).

Ao final da década, como o que sugeriam as matérias sobre os anos 1980, a rua 24 de Maio e suas galerias continuariam frequentadas por office-boys. A novidade, em termos de grupos juvenis, fica por conta do que seria a mais antiga referência à presença dos pixadores na região central de São Paulo, usando como ponto de encontro um lugar que, conforme as publicações consultadas, ainda não havia sido usado por outro grupo juvenil: a Ladeira da Memória. O uso desse local pelos pixadores, “até o fim da década de 1990”, é mencionado por Alexandre Pereira (2007, pp. 230-231). A presença e a intervenção do grupo no local e seus monumentos seria enfocada por uma série de reportagens no início da década seguinte.

Anos 2000: pixadores

O ano 2000 começa com uma série de reportagens n’*O Estado de S. Paulo* sobre os pixadores e as pixações pela cidade, especialmente nas imediações da Ladeira da

⁵ Tradução minha.

Memória. Num domingo, 6 de fevereiro, duas páginas do jornal foram dedicadas ao assunto (PAIVA, 2000, pp. 4-5), relatando que o grupo trocava “suas ‘assinaturas’ (rabiscos que picham nos muros) em folhas de papel nos encontros semanais, que ocorrem sempre no mesmo dia e lugar: às sextas-feiras, no Largo da Memória, no Anhangabaú, centro”. A legenda de uma foto descrevia o largo como “ponto de encontro de jovens pichadores”, ressaltando o estado do histórico painel de azulejos do monumento, “constantemente coberto de rabiscos”. A matéria trazia ainda o horário do encontro observado, “14 horas de sexta-feira”, que teria contado com “dezenas de pichadores” que, “mal os PMs se afastam” teriam prosseguido a troca de suas “assinaturas” e os “acertos para futuras pichações”. O texto ainda pontua, sem entrar em detalhes, nas palavras de um entrevistado, que “[n]esse meio, 99% fumam maconha ou tomam álcool”.

Dias depois, em matéria sobre a necessidade de limpeza do monumento e o risco de desgastá-lo no procedimento, o mesmo jornalista relata que “por determinação do prefeito, três homens da Guarda Civil Metropolitana (GCM) fazem plantão durante 24 horas na Ladeira da Memória”. A legenda da foto que a acompanha, na qual se vê um dos guardas-civis na escadaria, informa que o monumento já estava “sendo limpo das pichações” (PAIVA, 2000b, p. 6).

No sábado seguinte, sob a manchete “Pichador vira minoria na Ladeira da Memória”, o jornal trazia o seguinte panorama como resultado da denúncia publicada uma semana antes:

Dez policiais militares em dois veículos. Três guardas-civis metropolitanos em motocicletas. Exatamente três pichadores - em lugar da multidão de adolescentes que escolheu o lugar como ponto de encontro -, dois deles detidos por desacato a autoridade. Foi uma das sextas-feiras mais atípicas - e seguras - dos últimos tempos na Ladeira da Memória, no Anhangabaú, centro. Depois de o Estado ter revelado o ponto de reunião semanal de quase 300 pichadores, a Prefeitura e o governo do Estado determinaram o envio de reforço policial ao local. (...) Alguns [pichadores] passaram para conferir se os policiais estavam mesmo lá e avaliaram a situação. “É, não vai dar mais pra reunir porque a polícia colou”, disse M.K.S., de 19 anos, da gangue Escopeta. Ele concordou que os monumentos serão pichados de novo depois de limpos, se não forem vigiados. “Aqui os manos se reúnem e picham o nome pra ter mais ibope”, explicou. (...) “Ó, avisa aí no jornal que a reunião vai continuar”, disse R. “Semana que vem, a gente vai colar aqui e trombar com eles”. (PAIVA, 2000c, p. 7).

No dia seguinte, na seção “Notas e informações” um editorial intitulado “A cidade pichada” (OESP, 2000, p. 3) mencionava a “recuperação” da Ladeira da Memória

anunciada pelo prefeito, ressaltando que era “ali, no centro da cidade, que as gangues se reúnem, para ‘cantar vitórias’ e planejar novas ações”.

Dias mais tarde, em entrevista ao jornal, o arquiteto do Departamento de Patrimônio Histórico, Breno Beizousky compararia a chamada “Operação Limpeza dos Patrimônios Históricos” a uma “operação de guerra”. Sobre a Ladeira da Memória, o entrevistado afirmaria que os “pichadores reúnem-se aqui todas as sextas-feiras, quando articulam novos ataques”, alegando que eles estariam “em estado de alerta pronto para sujar aquilo que limpamos”. A matéria afirma ainda que funcionários que realizavam a limpeza teriam sido “ameaçados por grupos de mais de 50 pichadores” (ROSSI, 2000, p. 7).

No sábado seguinte, uma reportagem intitulada “Pichadores dizem que deixarão ladeira no centro” relata a reação dos pichadores no dia anterior, diante da operação em andamento:

Pelo menos 30 pichadores voltaram a reunir-se, na tarde de ontem, nas imediações da Ladeira da Memória, centro. Mas já não ocupavam as escadarias ou a área em volta do obelisco. Ficaram em grupinhos encostados no muro da Rua Xavier de Toledo, com ampla visão do antigo palco de pichações, agora em processo de limpeza, sempre atentos ao menor movimento dos dois guardas-civis metropolitanos encarregados de vigiar o local. Segundo alguns deles, sexta-feira ainda vai continuar o dia tradicional de encontro dos pichadores. Mas o ponto deve mudar. “A polícia tá embaçando muito na ladeira”, disse Celso, do grupo Infernais (...). “A gente muda e pronto”, afirmou o office-boy, visivelmente chateado por perder o ponto que frequenta desde os 12 anos (agora tem 18). (FOLGATO, 2000, p. 4)

Ainda segundo a reportagem, a “importância da reunião” consistiria em “[c]ontar vantagem de pichações feitas e comentar os ‘atrevimentos’ alheios”.

Quase um ano depois, uma reportagem de capa do suplemento *SeuBairro*, d’*O Estado de S. Paulo*, sobre os monumentos da cidade, ainda mencionaria a Ladeira da Memória como um “tradicional ponto de encontro de pichadores”, naquele momento “mais uma vez, em processo de restauração” (MOREIRA, 2001, p. 1).

Em uma matéria sobre a prática do skate na cidade, publicada em 2002, relata-se que alguns “meninos” skatistas entrevistados praticam “nas rampas improvisadas do Vale do Anhangabaú”. Um outro “treina todos os dias no Anhangabaú ou na Praça Roosevelt, outro ponto de encontro”, onde, segundo ele, “[d]epois do trabalho, o pessoal vem pra cá tirar idéia e acertar a balada”. A “Galeria do Rock, na Avenida São João” é mencionada

como “outro point” por abrigar estabelecimentos onde “se encontra de tudo” em matéria de equipamentos e peças necessárias à prática (BASTOS, 2002, p. 1). No ano seguinte, na seção “Meu sábado” do suplemento *Guia da Folha*, o cantor André du Rap conta que “passear e fazer compras nas Grandes Galerias, na rua 24 de Maio” é um de seus programas favoritos, e justifica dizendo que ali é “o ponto de encontro do pessoal do hip-hop” (FSP, 2003, p. 4).

Em 2005 os pixadores ainda são associados ao mesmo lugar em que se encontravam no início da década. Benedito Lima de Toledo, então professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em artigo contrário à ideia de “recuperação” da região central por meio de novos empreendimentos imobiliários, faz menção à “degradação de setores centrais”, apontando o “caso do Largo da Memória” como o “mais vergonhoso” (LIMA DE TOLEDO, 2005, p. 2). Sobre os usos do lugar, argumenta: “O granito é vítima de pichações alternadas com limpezas precárias. O pórtico é ponto de encontro de traficantes, drogados e pichadores”. Na sequência, o professor se pergunta sobre a demolição do pórtico como solução, mas a nega imaginando para o local o mesmo uso que os pixadores fizeram, porém com outros referenciais estéticos e, aparentemente, a partir de outros usuários: “Se bem conservado, no entanto, o Largo da Memória poderia oferecer à população um ponto de encontro dotado de uma fonte a ser fartamente iluminada e escadas com utilização semelhante à da Piazza Di Spagna, em Roma”.

Uma longa matéria sobre o movimento punk é publicada em 2007, no suplemento *Revista da Folha*, trazendo, além de textos mais longos, informações mais pontuais. Num pequeno trecho dedicado aos “pontos de encontro” relata-se que eles “mudam com frequência, pois punks são entusiastas do espaço urbano, de botecos e bares abertos para a rua, especialmente no centro e na rua Augusta”. Do centro, um local específico mencionado é a “Galeria do Rock, na rua 24 de Maio” onde haveriam “bares frequentados por punks” principalmente “às sextas e aos sábados”. (FIORATTI, 2007, p. 10).

Em 2008 outra vez os pixadores voltam a receber atenção após conflitos com os grafiteiros. Uma matéria explica que “[q]uem passa pelas imediações da galeria Olido, no centro, pode vê-los [os pichadores] trocando ‘autógrafos’ escritos no estilo próprio em papel A4, que são arquivados em pastas” (CAPRIGLIONE, 2008, p. 4). Dois anos depois, ao traçar um perfil do pixador Djan Ivson, uma repórter relata que “na Galeria Olido, na avenida São João, centro de São Paulo, o paulistano de 26 anos é saudado sempre que

aparece nas noites de quinta-feira, quando os pichadores se reúnem para o rolê semanal da região” (CASTRO, 2010, p. 4).

No início dos anos 2000, segundo as matérias mencionadas, os skatistas ainda continuaram se reunindo no vale do Anhangabaú e praça Roosevelt, como já observado em Machado (2011, pp. 119-124; 2014), além de serem encontrados também, segundo os jornais, nas imediações da Galeria do Rock. Na mesma época, o espaço também seria o ponto de encontro dos jovens envolvidos com o hip-hop, e em 2007 teria sido possível encontrar, às sextas e sábados, grupos punks em bares das imediações.

No entanto, o grupo juvenil que dominou as páginas dos jornais nos anos 2000 foram os pixadores, que desde o início da década já tinham seu ponto de encontro aparentemente consolidado na Ladeira da Memória, onde trocavam folhas nas quais inscreviam suas marcas e combinavam suas ações. O ponto teria sido desarticulado pela polícia logo após a denúncia d’*O Estado de S. Paulo*, o que também é afirmado por Pereira (2007, p. 230), mas a coluna de 2005 dá a entender que naquele momento o local ainda seria usado pelos pixadores. Em estudo realizado no início da década, Pereira relata que os encontros dos pixadores teriam sido transferidos então para a rua Vergueiro, o que não aparece nas matérias desses jornais. No final da década, no entanto, esses veículos atestariam seus encontros em outro lugar do centro, as imediações da galeria Olido, e em outro momento da semana, as noites de quinta-feira. Essa transferência, para as proximidades de “um outro espaço cultural oficial, onde frequentemente acontecem algumas apresentações de hip-hop” também teria acontecido “devido a um grande aumento da repressão policial”, nos termos do autor (PEREIRA, 2007, p. 244).

Os anos 2010: mais skate

De 2011 em diante, por ocasião da reurbanização da Praça Roosevelt e os conflitos que se seguiriam em torno de seu uso, são os skatistas que voltam a ocupar as páginas dos jornais. Ainda antes da conclusão das obras um grupo de skatistas fez uma manifestação pública que partiu da avenida Paulista em direção ao centro, passando pelo vale do Anhangabaú e encerrando na própria Roosevelt, dois lugares já usados para a prática desde os anos 1980, segundo as matérias dos jornais mencionadas. Conforme a reportagem, a motivação da manifestação era justamente “a prática do esporte na Praça Roosevelt, no centro” (BRITO; CARQUEIJO, 2011, p. 9).

Após a esperada entrega da praça, “comemorada também pelos skatistas”, é publicado um *box* intitulado “Moradores e skatistas buscam regras de convívio”. Ali já eram sinalizados os conflitos que envolveriam esses atores naquela época quanto aos usos do local que “[a]ssim como o Vale do Anhangabaú” também “é um marco na cultura do skate no centro da capital” (TAMDJIAN, 2012, p. 6).

Mais tarde o suplemento *Guia Folha* publicaria uma lista de endereços de pistas e lugares propícios para a prática do skate na qual inclui a praça Roosevelt. Segundo a descrição, a praça “virou point de skatistas desde que foi reinaugurada, em 2012” apesar das “placas indicando a proibição de skates, bicicletas e patins” (FSP, 2014, p. 10).

No início do ano de 2013, *O Estado de S. Paulo* publicou um editorial intitulado “O sequestro da praça”. Nele o jornal argumentava que, naquele momento, o “espaço público” da praça estava sendo “‘privatizado’ por grupos com interesses comuns, as chamadas ‘tribos’, em detrimento dos demais cidadãos”. Referindo-se especificamente aos “skatistas que infestam a Praça Roosevelt” argumenta que eles constituiriam “grave ameaça à integridade física dos outros frequentadores” desde quando o local havia sido reaberto meses antes, quando “em questão de horas” a praça teria sido “tomada pelos skatistas” (OESP, 2013, p. 3).

Dias depois uma reportagem relata que agentes da Guarda Civil Metropolitana “vão até a praça todas as noites, após as 22h, e pedem para os skatistas saírem da área” No entanto, “segundo moradores, muitos acabam voltando” o que acontecia, conforme declara uma moradora, “todo santo dia” (MACHADO, 2013, p. 3). No mesmo ano a Subprefeitura da Sé buscou disponibilizar outros locais para a prática do skate, na intenção “desafogar” a grande procura pela Roosevelt. Além da praça, segundo a matéria, naquele momento era “possível encontrar skatistas no Vale do Anhangabaú, na frente do Mosteiro de São Bento e na Praça da Sé” (DEODORO, 2013, p. 6).

Anos mais tarde, no suplemento *Divirta-se*, d’*O Estado de S. Paulo*, uma matéria sobre a prática do skate elencou locais propícios para o esporte em São Paulo. A Roosevelt, “[n]o coração da cidade”, é citada como “um exemplo claro de como São Paulo tem vocação para o skate”. As estruturas físicas do lugar “atraem” skatistas “vindos de vários bairros”, e além disso “[o] lugar também funciona como ponto de encontro da tribo” (OESP, 2018, p. 13).

Na década de 2010 é o grupo dos skatistas que mobiliza os jornalistas, muito em virtude dos conflitos, envolvendo ação policial, que se seguiram às “apropriações da

Praça Roosevelt” (MACHADO, 2014, p. 84) após sua reinauguração. Mesmo assim, segundo matéria de 2013, lugares usados no passado pelos skatistas ainda eram naquele momento associados ao grupo, como o vale do Anhangabaú e as imediações da São Bento.

Apesar da tentativa de proibição à prática no espaço da Roosevelt, sua memória enquanto “marco na cultura do skate no centro da capital” (TAMDJIAN, 2012, p. 6) parece ter permanecido, sendo mantida, conforme relatam os jornais, como um ponto de encontro dos praticantes ainda no final da década.

Algumas regularidades segundo a cobertura jornalística

Os dois principais jornais paulistanos deram atenção e cobertura variada, ao longo de quatro décadas, para os grupos juvenis em questão e seus usos das ruas, praças e localidades centrais de São Paulo. Se durante a década de 1980 prevalecem as matérias sobre os jovens ligados ao hip-hop, sejam os praticantes do break, sejam os rappers, também há bastante espaço para os punks e alguma atenção aos skatistas. Estes últimos, porém, são os que mais recebem atenção na década seguinte, em parte sob a perspectiva do conflito em torno do uso do espaço público. Já no início dos anos 2000 predominam as matérias sobre os pixadores, enfocados a partir dessa mesma perspectiva. Na década seguinte, outra vez são os skatistas que ocupam o centro da cobertura jornalística sobre esses grupos e, em vários momentos, novamente a partir de conflitos em torno do uso do espaço público.

A história do uso das ruas do centro paulistano por esses grupos juvenis revelada nas páginas desses jornais dá a ver certas características que se repetiriam nesses usos. Apesar dessa relativa alternância de grupos juvenis nas páginas dos jornais, os lugares do centro aos quais eles são associados ao longo dessas décadas, ao menos em boa parte, se mantêm os mesmos, e inclusive são compartilhados por diferentes grupos, que se sucedem ou fazem uso de um mesmo local em uma mesma época.

A estação São Bento e suas imediações, como o largo São Bento, é um dos locais mais mencionados nas matérias. Nas décadas de 1990 e de 2010 o local é associado aos skatistas, que também faziam uso do viaduto Santa Ifigênia, adjacente ao largo, do qual foram expulsos por ordens da prefeitura. Mas já em fins de 1970 e durante toda a década de 1980 o local era utilizado por grupos juvenis de forma particularmente intensa. As proximidades da primeira estação do sistema metroviário localizada no centro a entrar em

operação, ainda em 1975⁶, serviram por vários anos como ponto de encontro tanto para os rappers e os dançarinos de break, quanto para os punks.

Outra região que, segundo as páginas desses jornais, teria sido vivamente utilizada por esses grupos é a do chamado “calçadão”, local que congregava “grandes magazines” (VENTURA, 1995, p. 2) e pelo menos “duas galerias” onde seria possível encontrar “os melhores discos” pelo “menor preço” (FORASTIERI, 1989, p. 5). Dali, várias localidades adjacentes são mencionadas repetidamente ao menos até 2010, algumas delas associadas a mais de um grupo. As proximidades das galerias da rua 24 de Maio, principalmente a Grandes Galerias – também chamada de Galeria do Rock nesses jornais pelo menos desde os anos 1990 (R.A., 1995, p. 5) – que também conta com acesso pela avenida São João, constituíram ponto de encontro de punks, jovens associados ao hip-hop, office-boys e skatistas. A rua 24 de Maio e seu cruzamento com a Dom José de Barros, pelo menos durante a década de 1980, teria servido de palco para o encontro e apresentações dos dançarinos de break. Por fim, a uma quadra dali, as imediações da galeria Olido, na esquina da avenida São João com a rua Dom José de Barros, são apontadas como o local onde pixadores se reuniam no final dos anos 2000.

A praça Roosevelt é outro lugar que figura nos jornais associado ao uso por grupos juvenis pelo menos desde os anos 1980. Os skatistas a consideram um local histórico para a prática na cidade, visto que desde aquela época já era ponto de encontro entre eles e de prática desse esporte (KÜCHLER, 2010, p. 16; FSP, 2013, p. 35). Na virada para a década de 1990 o local é associado também aos rappers, mas são os skatistas que, mais tarde, junto com moradores do entorno, protagonizam os conflitos a respeito de seu uso no início dos anos 2010, após a reurbanização da praça.

Pelo menos desde a década de 1990 o vale do Anhangabaú é outra localidade frequentada por praticantes do skate. Próximo dali, a Ladeira da Memória, ao lado da estação Anhangabaú do metrô, é o lugar escolhido pelos pixadores para o estabelecimento de seu ponto de encontro já em meados dos anos 1990, pelo que consta nos jornais. Logo no início do ano 2000, no entanto, a cobertura jornalística cobra um processo de restauração do local e, na sequência, noticia a expulsão dos pixadores pela ação da polícia.

Outra característica que salta à vista na história inscrita nessas matérias diz respeito a uma figura que atravessa esse período, diretamente envolvida com esses grupos juvenis, sendo mencionada repetidas vezes, principalmente a partir de meados dos anos

⁶ Cf. *Linha do tempo* do Metrô. Disponível em <<http://50anos.metrosp.com.br/index.php/linha-do-tempo/>>. Acesso em 28 jun. 2019.

1980: a figura do office-boy. Ela aparece enquanto profissão de jovens identificados como integrantes desses grupos, entrevistados nas matérias⁷, o que também é mencionado em alguns estudos. Com idade entre 15 e 24 anos, os jovens envolvidos com o rap, segundo Sposito (1993, p. 169), faziam parte dos “setores jovens empobrecidos mas não miseráveis da sociedade”, dos quais a maioria já havia iniciado “sua vida profissional como office-boys” e apresentava “uma relação bastante descontínua com a escola”. Apontando a mesma faixa etária para os praticantes do break naquela época, Gomes da Silva (2011, pp. 73) também os identifica como “jovens office-boys, escriturários, balconistas e estudantes”, o que converge com a descrição trazida por Macedo (2016, pp. 27): “em sua maioria pobres, desempregados ou em ocupações precárias como office-boys”. Teixeira (2007, pp. 71-72) também argumenta que a maioria dos punks do centro paulistano seriam “office boys, escriturários ou bancários”. Os pixadores e seus encontros no centro também são associados a essa função (CALDEIRA, 2012, p. 61).

Nos jornais, os office-boys aparecem ainda como uma categoria que também se reunia no cruzamento da rua 24 de Maio com a Dom José de Barros, em fins dos anos 1980 (FSP, 1989, p. [3]), ou nas imediações das galerias, em fins dos 1990 (ANDERSON, 1999, p. 47). Sua presença no centro é mencionada no estudo de Frúgoli Jr., que, mesmo sem associá-los a um ponto de encontro específico, argumenta que esses jovens dominariam “a linguagem das ruas” por realizarem “trajetos mais individualizados durante o trabalho, com eventuais encontros”. A ocupação ainda é descrita pelo autor como a “mais dinâmica e significativa entre os jovens de camadas populares” (FRÚGOLI JR., 1995, p. 68-69). Teresa Caldeira (2012, p. 60) vai no mesmo sentido quando afirma que a função é “quase sempre realizada por homens muito jovens, e é tradicionalmente o primeiro emprego dos filhos da classe trabalhadora”.

Nessas matérias alguns aspectos sobressaem nas descrições sobre as reuniões desses diferentes grupos. Se para Abramo (1994, pp. 106-107) os punks estariam “atrás de diversão”, nos jornais, seus encontros geralmente são associados às brigas entre as “gângues”. Essa característica aparece no estudo de Teixeira, porém o autor também frisa

⁷ Os documentários sobre o movimento punk também fazem menção à ocupação. Em *Punks* (1983), cf. 13:28 e 14:45, quando integrantes do movimento declaram sua ocupação. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ba7jKBM0tIw>>. Acesso em 11 jul. 2019. Em *Botinada* (2006), cf. 31:53, quando um dos entrevistados relata que “o pessoal que trabalhava no centro da cidade, office boy e tal, na hora do almoço se encontrava na São Bento e ia pra Punk Rock”. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=trIAXkc003k&list=WL>>. Acesso em 11 jul. 2019.

que, nesses pontos de encontro, ocorreria ainda a circulação de informações e produções do movimento (TEIXEIRA, 2007, pp. 71-72).

Sobre os encontros dos rappers e dos dançarinos de break, além da performance musical ou coreográfica, por vezes diante de uma plateia formada por pedestres, as matérias mencionam a troca e o acesso a informações relativas ao próprio movimento. A argumentação de Macedo (2016, pp. 27-29), no caso dos dançarinos de break, é coerente com esses achados quando menciona que “apresentações em vias públicas poderiam render pequenos ganhos monetários ao se ‘passar o chapéu’ no final das performances” e que posteriormente a São Bento teria se tornado “um local onde *b-boys*, MCs, DJs e grafiteiros de todas as partes da cidade se dirigiam no sentido de se socializar, praticar sua arte e trocar algo bastante escasso à época: informação” (MACEDO, 2016, pp. 28-29).

Os skatistas frequentariam os locais não apenas para praticarem suas manobras mas também se encontrar, o que também é afirmado por Machado quando considera que o local da prática é também “um espaço significativo de sociabilidade, onde os skatistas se reconhecem como tais” (MACHADO, 2011, pp. 119-124). Já os pixadores, segundo as matérias encontradas, se reuniam para trocar folhas com suas marcas e planejar suas ações, o que também é relatado no estudo de Pereira (2007, pp. 234-238).

Os momentos em que esses encontros aconteciam, quando explicitado nos jornais, resumem-se a momentos de não-trabalho, como horários de almoço, finais de tarde e tardes de sábado, e durante as noites, o que converge com os trabalhos sobre esses grupos que disponibilizam essa informação (TEIXEIRA, 2007, pp. 71-72; GOMES DA SILVA, 2011, pp. 73-74; ABRAMO, 1994, pp. 106-107; PEREIRA, 2005, p. 118).

O que parece sobressair, no entanto, do conjunto de todas essas matérias, é que os usos que esses jovens fazem dos lugares públicos do centro de São Paulo, por diversos que sejam, revelam que a constituição de pontos de encontros regulares nesses locais centrais é algo comum a esses grupos. Ora atraindo plateias, ora motivando conflitos em torno do uso do espaço público, esses pontos de encontro parecem se transferir a outros locais ao sabor das pressões das autoridades e das novas possibilidades que se apresentam no espaço urbano do centro.

Fontes primárias

O Estado de S. Paulo

ALBANESE, Ronaldo. Jovens criam redutos para voar sobre rodas. *Cidades*. O Estado de S. Paulo. 1995.03.27, p. 4.

AMARANTE, Leonor. 1986, um ano para a afirmação da música punk? O Estado de S. Paulo. 1986.01.11, p. 12.

AMARANTE, Leonor. Bandas, a última esperança punk. O Estado de S. Paulo. 1984.01.28, p. 16.

BASTOS, Rosa. Skate, o segundo esporte paulistano. *Cidades*. O Estado de S. Paulo. 2002.12.01, p. 1.

BRITO, D.; CARQUEIJO, G. Começa hoje o X Games, a olimpíada radical. *Esportes*. O Estado de S. Paulo. 2008.04.25, p. 3.

BRITO, D.; CARQUEIJO, G. Hoje, na Paulista, festa e protesto. *Cidades/Metrópole*. O Estado de S. Paulo. 2011.06.18, p. 9.

BROITMAN, Daniela. [Box] Prefeitura quer skaters fora do Santa Ifigênia. *Zap!*. O Estado de S. Paulo. 1994.04.28, p. 6.

BROITMAN, Daniela. Manobras radicais entre mendigos e camelôs. *Zap!*. O Estado de S. Paulo. 1994.04.28, p. 6.

CARELLI, Gabriela. Praça Roosevelt está interditada desde 93. *Cidades*. O Estado de S. Paulo. 1997.11.29, p. 4.

CASTILHO, Alceu Luís. Dançarinos de break mantêm o movimento. *SeuBairro*. O Estado de S. Paulo. 1995.07.27, p. 12.

CASTILHO, Alceu Luís. Esportistas recriam espaços da correria. *Seu Bairro*. O Estado de S. Paulo. 1996.02.08, p. 12.

DEODORO, Juliana. Prefeitura analisa novos locais para esporte. *Cidades/Metrópole*. O Estado de S. Paulo. 2013.04.05, p. 6 .

EMODIATO, Luiz Fernando. As ilusões perdidas. [coluna] *Caderno 2*. O Estado de S. Paulo. 1986.08.31, p. 2.

FOLGATO, Marisa. Pichadores dizem que deixarão ladeira no centro. *Cidades*. O Estado de S. Paulo. 2000.02.26, p. 4.

FUCUTA, Brenda Lee. As gangues que incendeiam a periferia. *Caderno 2*. O Estado de S. Paulo. 1989.02.25, capa.

FUCUTA, Brenda Lee. Direto de Nova York para a estação São Bento do metrô. *Caderno 2*. O Estado de S. Paulo. 1989.02.25, capa.

GASPERIN, Emerson. Thaíde & DJ Hum exigem atenção. Zap! O Estado de S. Paulo. 1996.11.14, p. 6.

JOE, Jimi. Da periferia para o subterrâneo. Caderno 2. O Estado de S. Paulo. 1990.07.13, p. 3.

LIMA DE TOLEDO, Benedito. Renovação da Cracolândia. O Estado de S. Paulo. 2005.05.25, p. A2.

MAGALHÃES, Mário. Depois de assassinato, show punk volta a ser tumultuado. Geral. O Estado de S. Paulo. 1991.05.03, p. 11.

MAGALHÃES, Mário. Praça Roosevelt está deteriorada. Geral. O Estado de S. Paulo. 1991.05.05, p. 26.

MEDEIROS, Jotabê. A vibração dos tagarelas do rap. Caderno 2. O Estado de S. Paulo. 1988.06.28, p. 8.

MONTEIRO DE BARROS, Celina. Um circo? Não, o centro da cidade. O Estado de S. Paulo. 1984.06.12, [n.p./ acervo, p. 42].

MOREIRA, Adriana. Monumentos guardam parte da história. SeuBairro (Leste). O Estado de S. Paulo. 2001.01.18, capa.

OESP. [Spots]. Divirta-se (O guia do Estadão). O Estado de S. Paulo. 2018.03.23, p. 13.

OESP. A cidade pichada. [editorial] O Estado de S. Paulo. 2000.02.13, p. A3.

OESP. O sequestro da praça. Notas & Informações. O Estado de S. Paulo. 2013.01.12, p. 3.

PAIVA, Uilson. Vandalismo com assinatura; "Maioria vira ladrão ou traficante", diz pichador. Cidades. O Estado de S. Paulo. 2000.02.06, pp. 4-5.

_____. Limpeza de pichações pode desgastar monumento. Cidades. O Estado de S. Paulo. 2000.02.11b, p. 6.

_____. Pichador vira minoria na Ladeira da Memória. Cidades. O Estado de S. Paulo. 2000.02.12c, p. 7.

PLASSE, Marcel. Ratos e Inocentes sopram as velinhas do punk. Caderno 2. O Estado de S. Paulo. 1991.11.27, p. 10.

R.A. "Galeria do Rock" tem as melhores barganhas. O Estado de S. Paulo. 1995.05.04, p. G5.

R.S. Titãs fecham o ano com "Go back". Caderno 2. O Estado de S. Paulo. 1988.12.18, p. 3.

ROCHA, Janaina. Casa do Hip-Hop abre espaço para a cultura de rua. Caderno 2. O Estado de S. Paulo 2000.03.14, p. 5.

ROSSI, Valéria. Pichadores ameaçam funcionários. Cidades. O Estado de S. Paulo. 2000.02.24, p. 7.

TAMDJIAN, J. Box: Moradores e skatistas buscam regras de convívio. Cidades/Metrópole. O Estado de S. Paulo. 2012.10.18, p. 6.

VALE, Israel do. Periferia canta, dança e protesta nos salões de rap. Zap! O Estado de S. Paulo. 1994.02.17, p. 6.

VENTURA, Cássio. Breakers tomaram Sé em festival (seção "Memória"). SeuBairro. O Estado de S. Paulo. 1995.08.02, p. 2.

Folha de S. Paulo

ANDERSON, Joni. (Plural (Black)) Bala na agulha. [coluna] Revista da Folha. Folha de S. Paulo. 1999.07.18, p. 47.

BANHARA, Angélica. Rappers ganham oficina grátis em Diadema. Folha abcd-sp. Folha de S. Paulo. 1993.09.17, p. 4.

BARROS, Ruth. 'Função' integra uma nova tribo urbana em São Paulo. Cidades. Folha de S. Paulo. 1987.09.26, p. 11.

BOLDRINI, Angela. Livro retrata mudanças no rap nacional. Ilustrada. Folha de S. Paulo. 2015.11.04, p. 3.

CAPRIGLIONE, Laura; CHOQUE; Adriano. Pichadores agora destroem marcos do grafite em São Paulo. Cotidiano. Folha de S. Paulo. 2008.10.28, p. C4.

CASTRO, Leticia de. (Perfil) Pintor de dia, pichador de noite. Cotidiano. Folha de S. Paulo. 2010.09.05, p. C4.

FIORATTI, Gustavo. Alfinetadas; Isto é punk hoje. Revista da Folha. Folha de S. Paulo. 2007.10.28, p. 10.

FORASTIERI, André. Lojas do centro oferecem o melhor rock pelo menor preço. Ilustrada. Folha de S. Paulo. 1989.01.11, p. 5.

FSP. [Meu sábado]. Guia da Folha. Folha de S. Paulo. 2003.04.11

FSP. Dança no Centro, como em Nova York. Geral. Folha de S. Paulo. 1984.03.17, p. 17.

FSP. Embalados no "funk" (chamada na primeira página). Capa. Folha de S. Paulo. 1984.03.17.

FSP. No seu dia, boys querem compreensão. Viva (suplemento). Folha de S. Paulo. 1989.01.06, p. [3].

FSP. Skate noturno não tem regras. Folhateen. Folha de S. Paulo. 1994.06.27, p. 4.

FSP. Sobre a prancha. Guia Folha. Folha de S. Paulo. 2014.06.27, p. 10.

FSP. SP sobre rodinhas. Revista da Folha. Folha de S. Paulo. 2013.01.20, p. 35.

KÜCHLER, Adriana. [Box]. Sãopaulo. Folha de S. Paulo. 2010.08.01, p. 16.

MACHADO, Leandro. Prefeitura promete blitz da PM contra skate na Roosevelt. Cotidiano. Folha de S. Paulo. 2013.01.17, p. 3.

MIRANDA, Renata. (Espaço público) De quem é a praça? São Paulo. Folha de S. Paulo. 2012.10.07, pp. 20-21.

MOREIRA, M. C.; BOLDRINI, A. Precursores da rap fazem show juntos após 15 anos. Ilustrada. Folha de S. Paulo. 2015.12.04, p. 3.

ROSSETTI, Fernando. Galeria reúne vários 'mundos' em 7 andares. São Paulo SP. Folha de S. Paulo. 1992.02.05, p. 4.

SANCHES, Pedro Alexandre. O hip-hop toma posse da cidade. Folha Acontece. Folha de S. Paulo. 2002.05.05, p. 1.

TOGNOLLI, Claudio Julio. Gangues de São Paulo contestam a política mas têm confiança no país. Cidades. Folha de S. Paulo. 1988.11.07, p. 1.

Bibliografia

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta, 1994.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. Trad. Claudio A. Marcondes. In: **Novos Estudos CEBRAP**, v. 94, nov. 2012. Pp. 31-67.

FRÚGOLI JR., Heitor. **São Paulo**: espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995.

GOMES DA SILVA, José Carlos. Sounds of the youth in the metropolis: The Different Routes of the Hip Hop Movement in the City of São Paulo. **Vibrant**, Rio de Janeiro. V. 8, n. 1, pp. 70-94, 2011.

MACEDO, Márcio. Hip-hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). KOWARICK, L.; FRÚGOLI JR., H. (org.) **Pluralidade urbana em São Paulo**: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos sociais. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2016.

MACHADO, Giancarlo M. C. **De “carrinho” pela cidade**: a prática do *street skate* em São Paulo. Dissertação de mestrado em Antropologia Social - FFLCH USP. São Paulo, 2011.

_____. Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista da cidade de São Paulo. In: **Periféria**, Barcelona, n. 19 (1), jun. 2014. Pp. 82-107.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Pichando a cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano. In: Magnani & Mantese (orgs.) **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. Pp. 225-246.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, v. 5(1-2), pp. 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

TEIXEIRA, Aldemir L. **O movimento punk no ABC paulista**: Anjos: uma vertente radical. Mestrado em Ciências Sociais (Antropologia) - PUC-SP. São Paulo, 2007.